Estudos sobre prostituição

Uma revisão da bibliografia sobre o tema e sua inserção no campo dos estudos de gênero

Amanda Gomes Pereira[1]

Resumo: Este artigo tem por objetivo traçar um breve percurso histórico dos estudos de prostituição a partir da análise de alguns trabalhos relevantes e que são referências da produção sobre o tema em diferentes épocas. Desse modo, se objetiva apresentar como os estudos de gênero influenciaram os estudos de prostituição e como os pesquisadores dessa temática empreenderam diálogos profícuos a partir da incorporação das críticas das categorias analíticas de gênero. Assim, refletindo sobre as questões que perpassaram as reflexões sobre as relações *generadas* em diversas sociedades, pretende-se demonstrar as intersecções existentes entre ambos os estudos, que historicamente passaram a compartilhar questões comuns com o surgimento dos estudos sobre sexualidade. Além disso, pretende-se delinear as transformações históricas de perspectivas sobre a temática da prostituição ocorridas nesses estudos – que se iniciaram com um discurso *sanitarista* sobre a prática e atualmente concentram-se em análises sobre os *agenciamentos* da profissão pelos profissionais do sexo.
Palavras-chave: Prostituição. Gênero. Sexualidade. Agenciamento.

Abstract: This article aims at tracing a brief historical background of studies of prostitution from the analysis of some relevant and that are references in production on the subject at different times. Thus, it aims to present as gender studies influenced the studies of prostitution and how researchers undertook this theme fruitful dialogues from the incorporation of critical analytical categories of gender. Therefore, reflecting on the issues that

[1] Doutoranda em Ciências Sociais no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais/ PPCIS pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro/ UERJ.

permeated the debates on the *gendered* relations in diverse societies, it is intended to demonstrate the existing intersections between both studies, which historically have come to share common issues with the emergence of studies on sexuality. Furthermore, it is intended to outline the historical transformations of perspectives on the issue of prostitution occurred in these studies - which began with a discourse on the practice sanitarian and currently focus on analyzes of the assemblages of the profession by sex workers.
Keywords: Prostitution. Gender. Sexuality. Agency.

Desde os estudos "foucaultianos", se tornou central nas Ciências Sociais a discussão sobre o caráter histórico, contextual e *construtivista* das relações sociais, fomentada pelos questionamentos vinculados às relações de gênero, tanto no meio científico – social e médico – como nas discussões de senso comum. Os diversos valores que transcorrem as relações humanas não são naturais e nem possuem uma essência, mas se definem historicamente em diferentes contextos sociais. Dessa maneira, as noções sobre sexualidade são multifacetadas dentro de uma mesma cultura quando inserimos variáveis de análise como classe social, faixa etária, etc. Isso sem falarmos da gama de particularidades encontradas quando comparamos culturas diferentes.

Os estudos feministas influenciaram fortemente os estudos sobre sexualidade. Mesmo quando no desenvolvimento de ambos havia um descompasso conclusivo das análises, eles empreendiam um diálogo profícuo dentro das Ciências Humanas. Historicamente, os estudos feministas iniciaram-se com os *woman's studies*. Esses estudos[2] se esforçaram em destacar a presença da mulher na história do Ocidente. Com um forte propósito de contar a história do subordinado, eles se propuseram também a descobrir a origem da dominação masculina e da subordinação feminina. Os estudiosos acreditavam que ao conhecerem as origens e as causas do processo de dominação poderiam quebrá-lo e, dessa forma, por fim a desigualdade que perdurava há milênios.

A coletânea de textos presentes no livro "*A mulher, a cultura e a sociedade*" é um exemplar dessas primeiras análises. Nela, as autoras partem do pressuposto de que em todas as sociedades humanas conhecidas a mulher é subordinada ao homem. O argumento é que, mesmo quando os estudos etnográficos descrevem sociedades em que há uma relação mais

[2] Conforme SCOTT, Joan. "Gênero: uma categoria útil de análise histórica", In. *Educação e Realidade,* v. 20, jul./dez. 1995, Porto Alegre.

igualitária entre homens e mulheres, em nenhuma delas *a mulher possui poder publicamente reconhecido e autoridade superior a do homem*[3]. Desse modo, neste livro, as autoras buscam a origem histórica da subordinação feminina e os pressupostos que a fazem compreensível e factual. A conclusão que as autoras chegam, cada uma a seu modo, é que:

> [...] enquanto a mulher for definida universalmente em termos de um papel amplamente maternal e doméstico, seremos responsáveis por sua subordinação universal. Elaborações de suas funções reprodutoras configuram seu papel social e sua psicologia: elas colorem sua definição cultural e nos permitem compreender a perpetuação do status feminino sem olhar sua subordinação como inteiramente determinada por sua tendência biológica ou sua herança evolutiva[4].

Entretanto, a despeito das contribuições incontestes desses estudos, ainda possuíam uma "essencialização" do ser mulher e homem, arraigada nos pressupostos biológicos e na universalização da dicotomia público/ privado, cara ao Ocidente. As categorias que constituem as sociedades ocidentais são disseminadas como padrões de análise dos mais diversos povos e sociedades. Não há um apelo à contextualização histórica, social e cultural e nem uma compreensão crítica dos próprios conceitos ocidentais. A separação entre público e privado de abstrata se torna concreta, naturalizada por esses estudos. Dicotomias como natureza e cultura, família e sociedade também são naturalizadas por essas autoras. Assim, a mulher é subordinada ao homem por estar mais próxima da natureza uma vez que gera as crianças, amamentando-as e cuidando-as por um período longo de suas vidas, ausentando-se das esferas publicamente reconhecidas de poder.

A categoria gênero foi introduzida buscando tanto um aprofundamento teórico-metodológico de temas e objetos sobre a história e as relações entre homens e mulheres – que até então era narrada dentro da história magistralmente masculina dos grandes eventos –, quanto para indicar o caráter social das relações de gênero, até então essencialmente atreladas à biologia. Desse modo, a troca do termo "mulher" por "gênero" demonstra a intenção de minimizar o termo político para o uso de uma

---

[3] ROSALDO, Michelle & LAMPHERE, Louise. *A mulher, a cultura, a sociedade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979, p. 190.
[4] ROSALDO, Michelle & LAMPHERE, Louise. *Op. cit.*, p. 25.

categoria analítica e conceitual, ao demarcar o caráter socialmente construído das relações entre homem e mulher, desvinculando as análises de termos biológicos. O surgimento da categoria permitiu o refinamento metodológico, capaz de evidenciar novas formas de existência para além do binário homem/ mulher.

As feministas norte-americanas foram as primeiras a utilizarem o termo para *enfatizar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo*[5]. A categoria gênero traz consigo aspectos relevantes comparados ao termo "mulher": a perspectiva relacional entre as histórias dos homens e das mulheres, visto que pensar a história de maneira *generificada* é dimensionar as ações de ambos no transcurso histórico e, por isso, estudá-los em separado *perpetua o mito de que uma esfera, a experiência de um sexo, tenha muito pouco ou nada a ver com o outro sexo*[6]. Assim, as relações entre os sexos deixam de estar necessariamente vinculadas aos aspectos biológicos. A partir das reflexões das pesquisadoras norte-americanas, surge uma nova conceituação do termo gênero – que será amplamente utilizada por pesquisadores em diversas partes do mundo – e o define como *uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado*[7]. Os estudos sobre sexo e sexualidade utilizam a categoria para desvencilhar a *prática sexual dos papéis sexuais atribuídos às mulheres e aos homens*[8].

Os estudos históricos, a partir da utilização desse conceito, seguiram algumas correntes. Os estudos influenciados pelas teorias marxistas que, assim como Engels, relacionavam os meios de produção aos meios de reprodução nas sociedades capitalistas, cuja suposta interdependência entre estes dois sistemas era forjada a partir das explicações sobre as formas produção e reprodução das desigualdades sociais. As relações de produção estariam intimamente ligadas às formas de reprodução da espécie humana no interior das famílias. Dessa maneira, a mulher era subordinada ao homem, da mesma forma que o trabalhador ao capital. Além disso, a diferenciação dos papéis sexuais era colocada na própria origem da sociedade humana. Para as feministas marxistas: *família, lares e sexualidades são, no fim das contas, todos, produtos cambiantes das relações de produção*[9].

---

[5] SCOTT, Joan. "Gênero: uma categoria útil de análise histórica", In. *Educação e Realidade,* v. 20, jul./dez. 1995, Porto Alegre, p. 72.
[6] SCOTT, Joan. . *Op. cit.*, p. 75.
[7] SCOTT, Joan. . *Op. cit.*, p. 75.
[8] SCOTT, Joan. *Op. cit.,* p. 75.
[9] SCOTT, Joan. *Op. cit.*, p. 78.

A teoria psicanalítica também influenciou fortemente vertentes dos estudos feministas. A escola anglo-americana das relações e as pós-estruturalistas francesas se empenharam em compreender os *processos pelo qual a identidade do sujeito é criada*, e *centram suas análises nas primeiras etapas do desenvolvimento da criança*[10]. Cada escola, a seu modo, procurava encontrar, no universo infantil, os rastros em que se formavam a identidade de gênero. Enquanto a escola anglo-americana compreendia o processo a partir das experiências concretas das crianças e as relações que elas estabeleciam com seus pais, os pós-estruturalistas enfatizavam a importância da linguagem na construção da representação do gênero. Para a teoria lacaniana, com quem as feministas pós-estruturalistas dialogam, a identidade *generificada* se constitui através da linguagem.

Se o gênero enquanto categoria analítica representou um grande amadurecimento da produção feminista, foram as diversas vertentes de estudos que se seguiram, inspirados nessa categoria, que, por discutirem questões referentes à sexualidade, abriram caminhos tanto para a discussão política de identidades plurais de gênero, como inseriram uma pauta pouco amadurecida: a discussão sobre prazer. Assim, enquanto que os estudos sobre mulher e gênero alargaram espaços de reconhecimento temáticos, políticos e de direitos humanos, são os estudos sobre os grupos GLBTs que mais diretamente hoje discutem sexualidade e prazer.

Os diálogos entre os estudos feministas e os estudos de sexualidade se interceptam a partir da influência da teoria psicanalítica, presente em ambos os estudos. A militância das minorias que não se sentiam reconhecidas nas discussões anteriores traz para o debate novas abordagens e discussões acerca do corpo, da sexualidade e do próprio conceito de gênero. Esse conceito – visto pela teoria lacaniana como uma construção ficcional ancorada na linguagem e nos processos de constante construção simbólica do sujeito – é apropriado pelos discursos das minorias como modo de compreensão sistemática do desejo consciente e inconsciente.

Os estudos recentes sobre sexualidade nas Ciências Sociais, em particular nas Ciências Sociais no Brasil, têm buscado olhares sobre a temática que extrapolam os discursos biológicos e que dimensionam nas práticas as perspectivas "empoderadas" do prazer e como esse está ligado

[10] SCOTT, Joan. . *Op. cit.*, p. 81.

aos diversos aspectos da vida humana. Todavia, para se afirmar isso, é preciso um:

> [...] esforço de aproximação e compreensão teórica das diferentes possibilidades de construção (e por vezes também de reificação) das trajetórias sexuais, individuais ou partilhadas por determinados grupos de pares que nos conduz a distintos cenários culturais. Estes são permeados por formas de afeto (em suas variantes, incluindo o ideal de amor romântico), pela violência, por diferentes redes de sociabilidade, pelo lugar que a reprodução e a família ocupam no imaginário social e, fundamentalmente, pelo potencial de valorização ou censura que o mundo social exerce sobre cada sujeito[11].

Por acreditar nesse esforço como válido e fundamental para a compreensão da forma como diferentes pessoas, em diferentes contextos, agenciam sua sexualidade, usam de seus corpos, seduzem, constroem suas fantasias e seus desejos, praticam sexo e estabelecem relações conjugais, que acredito ser necessária a realização de pesquisas sobre o universo da prostituição. Se a escolha do objeto parece óbvia, as relações que essas pessoas estabelecem não são.

Como lembra Loyola, *na sociedade humana, o sexo constitui, ainda, um instrumento poderoso de criação de vínculos sociais*[12]. Em um ambiente de prostituição, essa afirmação é amplamente atestada. Contudo, longe de serem similares aos outros vínculos criados pelo sexo em outras esferas da sociedade, em um ambiente de prostituição, múltiplas são as formas de vínculo criadas através e por essa prática. A mesma prática, o ato sexual, cria vínculos diferentes entre garotas de programa e clientes, entre garotas de programas e seus respectivos namorados/ as, cônjuges. O lucro que se obtém a partir dela também não é o mesmo e, dentro de um local de prostituição, se estabelece uma *economia da sedução* em que as principais moedas de troca são *sexo, afeto e dinheiro*[13].

---

[11] HEILBORN & BRANDÃO, Maria Luiza e Elaine Reis**.** "Introdução: Ciências Sociais e sexualidade." In. *Sexualidade: o olhar das ciências sociais* / organizadora Maria Luiza Heilborn. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999, p. 11.

[12] LOYOLA, Maria Andréa. "A sexualidade como objeto de estudos das ciências humanas." In. *Sexualidade: o olhar das ciências sociais* / organizadora Maria Luiza Heilborn. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar: 1999. p. 34.

[13] PEREIRA, Amanda Gomes. "*Um bonde chamado afeto": descrevendo as conexões numa casa de prostituição feminina*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.

Nos estudos de sexualidade, um forte pressuposto é de que o prazer está intimamente ligado à história de vida das pessoas como um todo e que, em diversos casos, representa um meio de aquisição de poder. Por isso, acredito ser extremamente válido narrar a forma como os sujeitos agem para consegui-lo e como descrevem as diversas formas de obtenção dele em suas vidas. Negligenciar essa dimensão da vida das pessoas é silenciar *uma parte essencial da experiência humana, fonte de alegria e prazer, assim como de sofrimento e dor*[14].

Os estudos de prostituição, produzidos até hoje, são de fundamental importância para atermo-nos aos discursos sobre sexo presentes no cotidiano das pessoas. A perspectiva que tenho é que esses têm apontado, mesmo que não diretamente, para as dimensões da afetividade. Elisiane Pasini[15], ao demonstrar que as garotas de programa da Rua Augusta – localizada na cidade de São Paulo, estado de São Paulo – vinculam ao uso do preservativo masculino um demarcador diferencial entre seus relacionamentos afetivos e com os clientes, constatou uma tônica que aparece também em estudos sobre o comportamento sexual de outros grupos sociais: a de que o preservativo representa um "valor" e como tal qualifica as inúmeras relações sociais que as pessoas estabelecem[16]. *Assim, não usando preservativos, elas manifestam uma diferença de sentimentos, em que formam uma hierarquia dos seus afetos (entre os clientes e os não clientes) e, ainda, estabelecem uma prova da sua fidelidade*[17].

_____. Relações afetivas e laborais em uma casa de prostituição de mulheres. *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*. v. 12, n. 35, pp. 566-592, Agosto de 2013.

[14] CORNWALL & JOLLY. Andrea e Susie. "Introdução: A sexualidade é importante". In. *Questões de Sexualidade: ensaios transculturais* / organizadoras, Andréa Cornwall e Susie Jolly. – Rio de Janeiro: ABIA, 2008, p.30.

[15] PASINI, Elisiane. "*Corpos em Evidência", pontos em ruas, mundos em pontos: a prostituição na região da Rua Augusta em São Paulo.* Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

[16] Ver PASINI, 2000; HEILBORN, 1999. Maria Luiz Heilborn (1999) realizou uma pesquisa que teve como principal recurso metodológico entrevistas ao estilo "histórias de vida". Segundo a autora, foram realizadas oitenta entrevistas no decorrer de três anos "*entre sujeitos de diferentes inserções sociais, buscando analisar qual é o lugar da sexualidade na construção da pessoa em distintos contextos culturais de uma sociedade complexa e heterogênea*." (HEILBORN, 1999: 40). Comum a todas as mulheres que ela teve contato durante o período da pesquisa foi o paradoxo de que ao mesmo tempo em que elas se mostraram conscientes com relação a Aids, elas também afirmavam não usarem preservativos com seus parceiros íntimos.

[17] PASINI, Elisiane. "*Corpos em Evidência", pontos em ruas, mundos em pontos: a prostituição na região da Rua Augusta em São Paulo.* Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Programa

O texto de Elizabeth Bernstein, sobre o significado da compra, trata sobre o comércio sexual pela ótica dos clientes, colocando em evidência questões interessantes sobre a vivência contemporânea da sexualidade por homens das classes média/ média alta residentes nos Estados Unidos. Em seu texto, a autora, a partir dos conceitos de Laumann de sexualidades *recreativa* e *relacional*, apresenta estudos sobre as transformações históricas da intimidade. Ao descrever as condutas dos clientes no mercado sexual – tanto frequentadores de casa de entretenimento, como os consumidores de pornografia *online* –, Bernstein[18] classifica essas práticas como definidoras da sexualidade *recreativa*. Desse modo, seus estudos extrapolam a lógica do consumo sexual e das percepções vinculadas a esse mercado, englobando-os nas análises sobre as mudanças atuais da esfera privada.

> As transformações demográficas durante esse período, como o declínio das taxas de matrimônio, a duplicação da taxa de divórcio e um aumento de 60% no número de núcleos domésticos unipessoais, vêm gerando um novo conjunto de disposições eróticas, as quais o mercado está bem preparado para satisfazer[19].

Outro aspecto interessante do texto da autora é a forma como ela descreve os clientes. Eles não representam os otários que devem ser explorados, nem tarados que não conseguem controlar os próprios impulsos sexuais, mas homens com características físicas e sociais "padrões" – profissionais liberais bem-sucedidos, brancos ou amarelos – que estão a procura de entretenimento nos mercados sexuais. A relação entre eles e as profissionais do sexo aparece como um agenciamento de ambas as partes, em que os interesses são negociados, com ambos obtendo ganhos e proveitos. No entanto, ao demonstrar esse aspecto, a autora não descarta a dimensão do poder nessas relações, só não hipervaloriza esse aspecto, que antes de ser qualidade da prostituição perpassa todas as relações sociais.

No Brasil, os estudos sobre prostituição podem ser divididos em três eixos de análises: os estudos higienistas ou sanitaristas – produzidos por saberes fora das Ciências Sociais –, os estudos dos anos 80

---

de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000, p.140.

[18] BERNSTEIN, Elizabeth. "O significado da compra: desejo, demanda e comércio". In. *Cadernos Pagu*, n° 31: Campinas, 2008.

[19] BERNSTEIN, Elizabeth. *Op. cit.*, p. 334 e 335.

influenciados pela Escola de Chicago e seus conceitos sobre *desvio*, *divergência*, *estigma*, e os estudos atuais que preconizam a descrição das práticas e agenciamento delas por parte das garotas de programa. Abaixo traço um percurso histórico sobre os temas trabalhados e a discussão empreendida em cada um desses três eixos. Sobre os estudos sanitaristas há uma profícua produção sobre eles – significativamente produzida pelos historiadores –, bem como uma crítica, da qual me utilizo neste trabalho.

Os estudos sobre prostituição no final do século XIX (a partir dos anos de 1840) e no início do século XX (até 1930) são impregnados pelo discurso de médicos sanitaristas que viam na prática um grande mal a ser extirpado do seio social[20]. Com suas análises moralizantes, esses estudos relatavam os perigos concernentes a essa atividade que colocava em risco valores caros a organização social, como a família e, em particular, o modelo de mãe e esposa. Pela inapetência das autoridades em combatê-la, a prática era vista como um mal necessário. A despeito dos estudos que descrevem a prática como uma profissão – em que mulheres e clientes agenciam seus anseios, desejos, construindo relações de sociabilidade –, as políticas públicas atuais continuam impregnadas dessa visão de "mal necessário". A própria legislação brasileira sobre prostituição contribui para essa visão da atividade.

Nos primeiros estudos etnográficos sobre prostituição, a prostituta era narrada como vítima, mulheres desafortunadas que escolhem a profissão à miséria. Sem recursos para se sustentarem, essas mulheres, após desistirem de um casamento mal-sucedido, encaram a prostituição como o único meio de provê o sustento de seus filhos.

Há um discurso padrão que reforça o papel delas enquanto vítimas que elas utilizam em determinadas situações para sensibilizarem os clientes, principalmente nos primeiros contatos. Entretanto, negligenciar as dificuldades por elas vivenciadas é incorrer nos mesmos erros cometidos por outros pesquisadores que aceitaram, sem críticas, seus discursos de vítimas. Claudia Fonseca, ao estudar mulheres de cerca de quarenta anos que se prostituíam em uma praça de Porto Alegre, relata que para elas *a vergonha, não era na idade, nem na atividade profissional, mas da pobreza em que,*

[20] Estudos como os de Soares, 1986, Engel 1989, Rago 1991 conforme apresentados por MAZZARIOL, Regina. *Mal necessário: ensaio sobre o confinamento da prostituição na cidade de Campinas.* Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, 1976.

por causa da idade e situação de classe, eram obrigadas a viver[21]. No caso dessas mulheres, a pobreza atesta que elas *não souberam administrar sua renda de forma a garantir um descanso na "velhice"*[22].

Em uma sociedade profundamente desigual como a brasileira, em que há inúmeras desigualdades de gênero quanto ao acesso a postos de trabalho, bem como aos valores pagos pelo mesmo serviço, a prostituição pode representar uma das poucas opções de se obter dinheiro de maneira imediata, utilizada para o auxílio em momentos difíceis, como no caso do adoecimento de familiares ou na falta de recursos para o pagamento de contas.

Segundo Adriana Piscitelli, existem quatro modelos de estatutos legais: *proibicionista, abolicionista, regulamentarista e um modelo que ora é denominado trabalhista, laboral, "des-penalização"*[23]. Segundo essa autora, o Brasil adota o modelo abolicionista[24].

A adoção desse modelo pelo Brasil é extremamente paradoxal visto que, no país, o exercício da prostituição na rua, de todas as modalidades, é a que elas agenciam de modo mais livre, sem "exploradores diretos", como os donos de casas de "shows". Ironicamente, é a prática mais combatida. Diversas cidades brasileiras, na década de 40 sobretudo, foram alvos de legislações que, por medida sanitarista, retiravam as prostitutas das ruas centrais da cidade, obrigando-as a se destinarem a prostituição praticada em cabarés, casas de shows, *boites*[25].

Regina Mazzariol demonstrou em sua pesquisa a retirada de prostitutas em Campinas, estado de São Paulo, do local onde trabalhavam e o posterior confinamento delas em bairros afastados da cidade. A autora mesclou a etnografia detalhada à pesquisa com fontes históricas sobre o caso. O objetivo do trabalho era demonstrar *a constatação do fenômeno como*

---

[21] FONSECA, Claudia. "A Dupla Carreira da Mulher Prostituta". In: *Revista Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, IFCS / UFRJ – PPCIS / UFRJ, vol. 4, nº 1, 1996, p. 32.

[22] FONSECA, Claudia. *Op. cit.*, p. 30.

[23] PISCITELLI, Adriana. "Prostituição e Trabalho." In. *Transformando as relações trabalho e cidadania: produção, reprodução e sexualidade* / organizadoras Maria Ednalva Bezerra de Lima, Ana Alice Alcântara Costa, Albertina Costa, Maria Bethânia Ávila e Vera Lúcia Soares. – São Paulo: CUT/ BR, 2007, p. 184.

[24] Para mais informações sobre o modelo abolicionista, adotado pelo Brasil, ver PISCITELLI, Adriana. "Prostituição e Trabalho." In. *Transformando as relações trabalho e cidadania: produção, reprodução e sexualidade* / organizadoras Maria Ednalva Bezerra de Lima, Ana Alice Alcântara Costa, Albertina Costa, Maria Bethânia Ávila e Vera Lúcia Soares. – São Paulo: CUT/ BR, 2007.

[25] São vários os nomes dados aos prostíbulos: casa de "striper", casa de "shows", casa de massagens, etc.

forma de comportamento e os limites impostos pela sociedade para a continuidade de sua existência[26]. Assim, segundo a autora, alijadas em um determinado bairro, o fator geográfico serviu para reforçar o "papel social" que elas desempenhavam, delimitando as práticas por elas estabelecidas a um espaço. A expectativa que clientes e frequentadores têm ao caminharem por esse bairro é de estabelecer intercursos sexuais.

De uma forma ou de outra, se os estudos de prostituição se atêm ao local em que a prática ocorre é porque nos centros urbanos brasileiros a prática é demarcada e delimitada espacialmente.[27] Isso é comum tanto aos estudos de prostituição feminina como de prostituição masculina.[28] Tanto que, em algumas cidades, pontos antigos de prostituição feminina foram ocupados por "travestis" que *batalham*, é o caso da Lapa no Rio de Janeiro, estado do Rio de Janeiro[29]. Há um confinamento da prática a determinados locais até os dias atuais que reproduz o discurso sanitarista de que tal prática é suja e contamina as relações sociais das outras pessoas tidas como "comuns". Desse modo, uma das primeiras definições dos trabalhos sobre prostituição no Brasil – na maioria das vezes demarcado no próprio título dos trabalhos –, é onde o trabalho de campo e/ ou estudo da prática ocorre. Nesses trabalhos, as regiões estudadas se caracterizam como desde muitos anos ligadas a essa prática, interligando em suas histórias suas transformações e as mudanças pelas quais passou a prática dessa profissão nesses locais. Assim, como lembra Pasini:

> As políticas públicas no Brasil, ainda hoje, entendem a prostituição como um "mal necessário" em que o confinamento das mulheres é a principal meta. Ao observar diferentes projetos de leis que transitam no Congresso Nacional sobre esse tema é possível perceber que, apesar das diversidades, a linha mantenedora permanece sendo o entendimento da profissão como um "mal necessário". Por exemplo, um projeto de lei de um deputado federal (1997)

---

[26] MAZZARIOL, Regina. *Mal necessário: ensaio sobre o confinamento da prostituição na cidade de Campinas.* Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, 1976, p. 3.

[27] A Rua Augusta, em São Paulo, estado de São Paulo, a Vila Mimosa na cidade do Rio de Janeiro, estado do Rio de Janeiro, a rua da Bahia em Belo Horizonte, estado de Minas Gerais, a Lapa dos travestis na cidade do Rio de Janeiro, estado do Rio de Janeiro, o bairro Maciel na cidade de Salvador, estado da Bahia, dentre outros.

[28] Nestor Perlonger em sua pesquisa sobre *michês* demonstra o quanto essa prática é demarcada espacialmente na cidade de São Paulo, situando-se no centro da cidade.

[29] SILVA, Hélio R. S. *Travesti, a Invenção do Feminino*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, ISER, 1993.

> propunha, o livre exercício da profissão (proibindo a profissão aos menores de 18 anos), uma inscrição desses profissionais na Previdência Social, na qualidade de autônomos. Mas foi o 3º artigo que gerou maior debate entre as entidades ligadas a temática da prostituição, pois o deputado propôs o cadastramento dos profissionais do sexo em unidades de saúde em que o resultado de exames mensais para a prevenção de DST (Doenças Sexualmente Transmissíveis) – Aids estariam grafados em um cartão de saúde. Ainda o artigo 4° ressalta que seria condenado o incentivo ou a exploração da prostituição (ter uma casa de prostituição permanecerá sendo entendido como crime). A justificação que esse político utilizou para a aprovação do projeto esteve centrada em dois pontos: o primeiro punindo claramente os chamados "exploradores" da prostituição e o segundo na busca de higienização, através do controle e da obrigatoriedade de exames de DST/ Aids para os profissionais do sexo[30].

Renan Freitas ao estudar diversos ambientes de prostituição demonstrou o quanto a prostituta de rua sofre represálias dos policiais e estão a mercê do uso abusivo do poder desses. As prostitutas de rua, por lidarem diretamente com os clientes e não possuírem vínculos e nem estarem submetidas ao *controle* do *contexto de bordel* – como a supervisão estabelecida pelas cafetinas e a segregação espacial – *estão mais expostas à inspeção policial e, consequentemente, a "mal-entendidos"*[31].

Freitas demonstra ainda a relação quase harmoniosa entre donos de bordéis, e outros estabelecimentos de prostituição, com a polícia. Justo o agente que, segundo a lei brasileira, deveria ser reprimido – as pessoas que exploram e lucram com a prática da prostituição de outrem, os donos das casas de show, etc. – são os que realizam seus trabalhos livremente.

O paradoxo entre o sistema legal brasileiro e práticas vivenciadas pela população no cotidiano já foi amplamente discutido pelos cientistas sociais brasileiros. São essas contradições que propiciaram a influência da Escola de Chicago na produção acadêmica sobre prostituição na década de 80. A partir dos estudos sobre *desvio*, *divergência* e *estigma*, os estudiosos caudatários dessa escola demonstraram que determinada prática, como a

---

[30] PASINI, Elisiane. "*Corpos em Evidência", pontos em ruas, mundos em pontos: a prostituição na região da Rua Augusta em São Paulo.* Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000, p. 7.

[31] FREITAS, Renan S. *Bordel, Bordéis: negociando identidades*. Petrópolis, Vozes, 1985.

prostituição, depende de vários fatores para ser vista como "*desviante*". Segundo Becker[32]:

> O desvio é criado pela sociedade, uma vez que os grupos sociais criam o desvio ao fazer as regras cuja infração constitui o desvio e ao aplicar essas regras a pessoas particulares e rotulá-las como marginais e desviantes. Deste ponto de vista, o desvio não é uma qualidade do ato que a pessoa comete, mas uma consequência da aplicação por outras pessoas de regras e sanções a um "transgressor".

Marisa Altomare Ariente relata-nos em seu trabalho a complexa relação entre as profissionais do sexo e os policiais. Ao entrar em contato com os profissionais do sexo dentro de delegacias da cidade de São Paulo, estado de São Paulo, a autora contrasta a realidade dessas mulheres em dois locais: a região do 4° DP (região da "Boca do Luxo) e da 3º DP (região da "Boca do Lixo"). Enquanto os policiais do 4° DP possuem formação superior e possuem outros empregos nos períodos livres, os policiais do 3° DP quase não possuem especialização para os cargos inferiores. A estrutura da corporação reproduz a estrutura desigual da sociedade.

> Pudemos verificar que o 4° DP (região da "Boca do Luxo") é valorizado pelos investigadores e delegados enquanto local para se trabalhar. Os motivos se devem ao fato de que nos bairros que pertencem à essa área residem indivíduos de classe média (Consolação, Jardim América, Higienópolis, etc.), e problemas que surgem são considerados mais amenos (roubos de carro, de rádio e toca-fitas, prostituição de luxo e travestis, formam 80% das queixas recebidas). As prostitutas e os travestis da região são considerados de "mais nível", o que significa que as pessoas são menos violentas por estarem numa situação de vida não tão ruim quanto aquelas das regiões mais pobres da cidade. São também, as que ganham mais para sua manutenção, são mais jovens, mais bonitas que as outras partes da cidade e, justamente por isso, seus preços são os mais caros e seu trabalho melhor recompensado. Seus clientes, consequentemente, são mais educados e nunca querem chamar a atenção[33].

---

[32] BECKER, Howard. *Uma teoria da ação coletiva.* Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977, p.60.
[33] ARIENTE, Marisa A. O *Cotidiano da Prostituta em São Paulo: estigma e contradição*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, PUC-São Paulo, 1989, p. 102.

Na região do 4º DP, as profissionais do sexo não sofrem tanto com as represálias dos policiais, sendo baixo o número das prisões. Segundo a autora, há entre algumas garotas e policias dessa região relações de camaradagem e amizade. Isso faz parte da percepção que a maioria dos policiais compartilha de que a prostituição é uma atividade necessária, com uma funcionalidade na nossa sociedade e que se praticada com dignidade, discrição e respeito na relação cliente/ prostituta pode ocorrer livremente. Contudo, as mulheres que trabalham próximo ao 3º DP são alvos de perseguições por parte dos policiais porque, segundo esses, não sabem se comportar, são escandalosas, atrapalham a vida dos moradores que residem próximo aos locais onde elas trabalham, além de se envolverem em delitos e crimes maiores do que simples roubos e furtos. Dessa maneira, são vistas como mais "sujas" que as profissionais do sexo que trabalham na região do 4° DP: *o contato dos indivíduos com a "sujeira" tem uma carga simbólica, isto é, na verdade, lembra um contato entre partes da sociedade que não estão no mesmo plano*[34]. A lógica que opera essa divisão dos dois distritos policiais assemelha-se a lógica disseminada pelos discursos sanitaristas.

Fatores como horário em que ocorre a atividade, o local, dentre outros, apontam para a importância do contexto e dos atores presentes em uma dada interação social para que dado ator seja qualificado como desviante ou não.

Freitas demonstra em seu trabalho como uma prática, ocorrida no mesmo local, pode, em dado contexto, ser percebida como desviante ou como "normal". Em seu estudo, o autor demonstra como os discursos e as percepções que perpassam diferentes contextos de prostituição – rua, *rendez-vous*, bordel – permitem as prostitutas construírem uma identidade a partir de critérios morais que transitam entre os status de "moralmente excluída" e "moralmente integrada" em que elas se veem como "menos expostas" através de uma relação especular que estabelecem com prostitutas que atuam em locais diferentes aos que elas trabalham.

Aparecida de Moraes nos seus estudos sobre mulheres que exercem a prática da prostituição na Vila Mimosa na cidade do Rio de Janeiro, estado do Rio de Janeiro, relata-nos em sua pesquisa que a prática dessa atividade na "zona" – termo êmico utilizado para definir uma área que concentra um grande número de casas de prostituição, *boites*, como a Vila Mimosa – é preferível. Segundo elas, as mulheres ao serem indagadas pelas

[34] ARIENTE, Marisa A. *Op. cit.,*, p. 110.

experiências que vivenciaram como profissionais do sexo antes de trabalharem na Vila Mimosa, a maioria delas relata que estavam mais expostas aos perigos que rodeiam a prática, vendo nessas outras modalidades da profissão grandes desvantagens:

> Na Vila Mimosa encontrei um número significativo de mulheres que já havia trabalhado em outros lugares definidos como locais de "prostituição de alto nível". Perguntava por que teriam ido para a "zona", considerada "baixo meretrício". Na tentativa desta compreensão, fui descobrindo que os valores que são normalmente colocados para definir um tipo de prostituição mais requintada – valores como o nível sócio-econômico da clientela e da localidade, refinamento do ambiente, entre outros – não eram lembrados como elementos fundamentais à satisfação no trabalho. Por outro lado, em resposta à mudança, prevalecia uma perspectiva de busca de melhores condições profissionais, condições estas que teriam ido buscar na Vila Mimosa. Os valores destacados nesse sentido relacionavam-se: à necessidade de uma maior liberdade, à possibilidade de maiores ganhos sem tanta pressão dos gerentes, à ausência ou redução da exploração por parte de agentes internos, ao menor nível de competição, às maiores garantias para a exigência do uso do preservativo, entre outros. Realmente a Vila, mesmo mantendo alguns atributos de zona confinada, já atingiu um status de renovação e modernização da atividade que nos obriga a tratar a sua configuração com certa especialidade. É um exemplo de como um tipo de organização que, de forma superficial, seria classificada de decadente e arcaica, pode revelar componentes mais avançados e compensadores na lógica interna[35].

O livro "*Mulheres da Vila: prostituição, identidade social e movimento associativo*" de Aparecida Fonseca Moraes dialoga com duas perspectivas do estudo sobre prostituição. Por se situar historicamente na passagem entre de duas vertentes principais desses estudos, *Mulheres da Vila* contém análises de ambos os períodos e traz conclusões bastante atuais sobre o universo da prostituição feminina. A investigação pano de fundo do livro é sobre como se constitui a identidade das mulheres que trabalham na prostituição a partir das narrativas das histórias de vida contadas por essas

---

[35] MORAES, Aparecida F. *Mulheres da Vila: prostituição, identidade social e movimento associativo*. Petrópolis, Vozes, 1996, p. 27.

mulheres e, nesse ponto, esse estudo se aproxima dos estudos dos anos 80 e os diálogos que eles estabeleceram com os conceitos da Escola de Chicago. A partir do conceito de estigma[36], a autora analisa os discursos e as práticas das mulheres com as quais teve contato no período de sua pesquisa de campo. A sua entrada na Vila Mimosa se deu de uma forma muito peculiar, guiando-a em todo período em que esteve ali. A pesquisadora foi apresentada aos frequentadores dessa região como membro da equipe de Gabriela Leite – *uma conhecida liderança do movimento de prostitutas que fundou um Programa de Prostituição e Direitos Civis no Instituto de Estudos da Religião (ISER), uma organização não governamental*[37]. Junto com o trabalho de campo, Aparecida prestava serviço em uma ONG que tinha por objetivo principal a politização das profissionais do sexo e o estímulo à organização, visando a regulamentação profissional, bem como melhores condições de trabalho. Por desenvolver esse trabalho, Moraes esteve durante muito tempo em contato com as "mulheres da vila", mas também com vários atores que trabalham nesse local. O material que ele coletou é extenso e enriquecedor, contendo várias facetas dessa realidade tão plural.

As conclusões desse trabalho sobre a construção da identidade da profissão é a de que as mulheres ora se pautavam nas imagens e signos estigmatizantes que cercam a atividade que desenvolvem – se valendo deles para obtenção de lucros na profissão – ora contrariavam esse estigma, com posturas que tinham por princípio a desconstrução desses signos e imagens: *Quanto a esta complexidade, GOFFMAN (1988) demonstra que os estereótipos não são apenas manipulados por parte daqueles considerados normais, mas também pelos indivíduos (ou grupos) estigmatizados*[38]. Mais adiante a autora complementa:

> [...] como afirma BHABHA (1991, 193), é preciso compreender que o estereótipo não é uma simplificação por ser uma representação falsa de uma realidade específica, mas uma simplificação porque é uma forma de representação fixa e interrompida que, ao negar o jogo da diferença (que a negação através do outro permite), cria um problema para a representação do sujeito em acepções das relações psíquicas e sociais[39].

---

[36] Aparecida de Moraes utiliza-se da definição de dois autores sobre o conceito de estigma: Goffman (1988) e Bhabha (1991).
[37] MORAES, Aparecida F. *Mulheres da Vila: prostituição, identidade social e movimento associativo*. Petrópolis, Vozes, 1996, p. 11.
[38] MORAES, Aparecida F. *Op. cit.*, p. 34.
[39] MORAES, Aparecida F. *Op. cit.*, p. 38.

Desse modo, para Moraes, a politização do campo da prostituição – com suas reivindicações e agendas – convive com a manutenção por parte das mulheres de certos signos e códigos da profissão que contribuem para a percepção estigmatizante delas, mas que, ao mesmo tempo, constrói a identidade e a singularidade dessas representantes de uma determinada ordem sexual. Em uma margem tênue, segundo a autora, essas mulheres constituem um grupo diverso que recria suas representações em constante atrito com as representações dominantes sobre a profissão que exercem.

Desses estudos[40], muitos se perguntaram sobre quem eram as prostitutas, com quem elas se relacionavam, sobre suas famílias, seus anseios, gostos e sonhos, com o intuito de compará-las a pessoas que se inserem diferentemente nos meios de produção da sociedade para afirmar o quanto aquelas possuem gostos, valores e anseios muito parecidos com os dessas outras pessoas – presentes na cadeia produtiva empregada em outras profissões. Por mais diferentes que sejam as perspectivas, em geral esses estudos avaliam essa prática como uma profissão, sendo que muitos afirmam que as mulheres entram nesse comércio a partir de um cálculo racional, ao analisarem suas condições a partir de uma perspectiva realista, optando por essa profissão ao avaliar as opções de trabalho oferecidas a elas – em muitos casos, empregadas domésticas, vendedoras, ou outro tipo de emprego assalariado.

Há também o estudo pioneiro de Maria Dulce Gaspar, cujo perfil das garotas que praticavam a prostituição era de classe média, de escolaridade média ou superior, classificadas posteriormente por estudiosos – e pelas próprias garotas – como universitárias. Em diversos trabalhos, os pesquisadores relatam a lucratividade dos programas e os ganhos obtidos com essa atividade, como a aquisição de eletrodomésticos, da casa própria, de um carro ou, no caso de Gaspar, financiamento de estudos e acessibilidade a bens culturais através do próprio trabalho[41].

O preço é um dos conceitos classificatórios dessa prática. É ele que, nas diversas modalidades, cria uma hierarquia no interior da atividade. Da rua ao bordel e do bordel ao apartamento e salas de massagens, os preços são variados. Dentro de uma mesma modalidade, a prostituição de bordel, o preço define os locais e o público deles.

---

[40] Ariente, Marisa, 1989; Bacelar, Jeferson, 1982; Freitas, Renan, 1985; Gaspar, Maria Dulce, 1984; Mazzariol, Regina, 1976; Moraes, Aparecida, 1996.

[41] Bacelar, Jeferson, 1982; Freitas, Renan, 1985; Gaspar, Maria Dulce, 1984; Mazzariol, Regina, 1976; Moraes, Aparecida, 1996; Pasini, Elisiane, 2000.

Freitas ao analisar[42] diversos locais de prostituição na cidade de Belo Horizonte, na década de 80, demonstrou as diferenças nos preços e nos ganhos obtidos em cada um deles. Assim, segundo o autor, a rua que é onde se cobra menos por um programa e onde se lucra mais, visto que os programas são curtos, não passam de 20 minutos, e a procura pelos serviços é maior.

Os estudos recentes sobre prostituição dialogam com alguns aspectos da produção bibliográfica anterior, todavia, há uma maior centralidade nas ações das mulheres que trabalham nessa profissão. O cotidiano dos profissionais do sexo é narrado para além das ações diretamente ligadas a prática da prostituição. Um dos nomes mais fortes dessa vertente é Elisiane Pasini que afirma em seus trabalhos a necessidade de *um entendimento mais amplo dos sujeitos que realizam a atividade da prostituição tendo em vista suas outras experiências de vida*[43].

Elisiane Pasini em sua pesquisa com garotas de programa que "batalham" na Rua Augusta, relatou-nos que há uma inconstância delas nas ruas. Algumas não trabalham aos sábados e muitas só aparecem quando precisam de um dinheiro imediato para o pagamento de contas, para a aquisição de bens – como roupas, sapatos, brinquedos para os filhos – ou quando o marido/ esposa, companheiro/a está desempregado ou foi detido. Tanto que há vários casos em que as garotas afirmam que a prática da prostituição não é a principal fonte de renda.

Outro elemento comum aos estudos sobre prostituição é a forma como as garotas narram as diferenças que estabelecem entre suas relações com os clientes e com os não clientes. Pasini, nesse trabalho sobre a Rua Augusta, descreve como as garotas definem, por códigos, o que é permitido em uma relação com um e com o outro. A diferenciação é utilizada por elas com o intuito de valorizar os vínculos que elas estabelecem com os não clientes, ou seja, seus maridos, cônjuges, companheiros/ as, namorados/ as, esposas. Ao destacar a diferença, elas realçam quanto são fiéis, caseiras, boas donas de casa, boas mães, valorizando e reforçando valores tradicionais familiares e demonstrando a presença deles em suas relações cotidianas. Por outro lado, a relação com o cliente é caracterizada como efêmera, resumindo-se ao período do

---

[42] FREITAS, Renan S. *Bordel, Bordéis: negociando identidades*. Petrópolis, Vozes, 1985.

[43] PASINI, Elisiane. *"Corpos em Evidência", pontos em ruas, mundos em pontos: a prostituição na região da Rua Augusta em São Paulo.* Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000, p.15.

programa. Com os clientes não há beijo, afeto, carinho e algumas práticas não devem ocorrer como sexo anal – até porque como o tempo de programa na rua é menor, não haveria nem como acontecer algumas dessas práticas. Essas mesmas diferenciações aparecem no trabalho de Renan Freitas. Contudo, o autor demonstra que algumas dessas regras podem ser negligenciadas pelas garotas dependendo do local em que elas trabalham. Pelo tempo do programa dos clientes com prostitutas de rua ser muito curto, como já destacamos anteriormente, a execução de algumas práticas se tornam inviáveis.

As relações afetivas das profissionais do sexo com parceiros amorosos e com seus familiares são descritas em diversos trabalhos[44]. A relação que elas estabelecem com a família de origem *tem por base os vínculos econômicos, as necessidades, as formas de auxílio*[45]. Como a maioria das garotas trabalha distante dos locais onde residem suas famílias, nas visitas elas sempre levam presentes, além do auxílio que elas dão todos os meses.

Quando elas possuem filhos, na maior parte dos casos, eles moram com os pais da garota, com o marido – ou pai das crianças – ou com a sogra e/ou as irmãs do esposo da garota. Segundo Marisa Ariente, quando os filhos moram com elas, as mulheres se desdobram em carinhos e afetos, assumem o papel de excelentes donas de casa e constroem uma rede com outras colegas de profissão no cuidado dos seus filhos. Como lembra Bacelar: *De maneira geral, as famílias que se desviam do modelo normativo vigente como é o caso da prostituição, mantém o mesmo sistema terminológico de parentesco e de percepção de valores na sociedade global*[46]. Em seu estudo, Moraes destaca que *é bastante reduzido o número de prostitutas que não têm filhos, destacando-se a atenção constante e as referências que fazem a estes nas conversas entre elas*[47]. Claudia Fonseca enfatiza que entre as mulheres de meia idade com as quais teve contato em uma praça de Porto Alegre, os filhos e netos eram temas recorrentes das conversas – *fosse para queixar-se de um ou gabar-se de um bem-sucedido*[48]. Assim, segundo a autora: *[...] neste*

---

[44] Ariente, Marisa, 1989; Bacelar, Renan, 1982; Fonseca, Claudia, 1996; Moraes, Aparecida, 1996; Pasini, Elisiane, 2000 e 2005.

[45] ARIENTE, Marisa A. O *Cotidiano da Prostituta em São Paulo: estigma e contradição*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, PUC-São Paulo, 1989, p. 49.

[46] BACELAR, Jeferson A. *A Família da Prostituta*. São Paulo: Ática, 1982, p. 29.

[47] MORAES, Aparecida F. *Mulheres da Vila: prostituição, identidade social e movimento associativo*. Petrópolis, Vozes, 1996, p.65.

[48] FONSECA, Claudia. "A Dupla Carreira da Mulher Prostituta". In: *Revista Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, IFCS / UFRJ – PPCIS / UFRJ, vol. 4, nº 1, 1996, p.17.

grupo, apresentar os filhos parece ser um dos ritos de pertencimento[49]. As relações que elas estabelecem com os familiares são de ajuda e cooperação mútua, de apoio no cuidado e na educação dos filhos por parte deles e de ajuda financeira por parte delas. Segundo Pasini:

> As garotas de programa afirmam destinarem a renda proveniente de seus trabalhos ao sustento da casa, dos filhos e das despesas econômicas. Ao que tudo indica, a renda feminina vinda da prostituição é aceita pela família e, ao mesmo tempo, indispensável para o sustento da mesma[50].

As relações amorosas e conjugais estão entrelaçadas no cotidiano das profissionais do sexo e aparecem em diversos estudos. Moraes salienta *que conseguia perceber que algum tipo de arranjo conjugal estava sempre presente*[51]. Como este foi o tema da minha dissertação e de outros trabalhos, não pretendo aqui tecer maiores detalhes. Entretanto, ressalto que, segundo diversos estudos sobre prostituição[52], as relações conjugais estabelecidas por garotas de programa e seus cônjuges, parceiros/as, pautam-se em uma relação de colaboração mútua em que os companheiros/as oferecem auxílios vinculados à profissão e elas retribuem com sexo e com a divisão das despesas financeiras do casal. E é a junção nessas relações de dinheiro e afetos que as complexificam[53].

Conclusão

Desse modo, ao delinearmos as transformações históricas pelas quais passaram os estudos sobre prostituição, destacamos como esses

---

[49] FONSECA, Claudia. *Op. cit.,* p. 17.

[50] PASINI, Elisiane. "*Corpos em Evidência", pontos em ruas, mundos em pontos: a prostituição na região da Rua Augusta em São Paulo.* Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000, p. 106 e 107.

[51]MORAES, Aparecida F**.** *Mulheres da Vila: prostituição, identidade social e movimento associativo*. Petrópolis, Vozes, 1996, p. 65.

[52] Ariente, Marisa, 1989; Fonseca, Claudia, 1996; Moraes, Aparecida, 1996; Pasini, Elisiane, 2000.

[53] PEREIRA, Amanda Gomes. "*Um bonde chamado afeto": descrevendo as conexões numa casa de prostituição feminina*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.
_____. Relações afetivas e laborais em uma casa de prostituição de mulheres. *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*. v. 12, n. 35, pp. 566-592, Agosto de 2013.

olharam para a prática da prostituição de maneiras diferentes, iniciados por um olhar medicalizante, sanitarista e denunciativo da prática – partindo do pressuposto que ela deveria ser banida das relações sociais – para um discurso de legitimação da profissão – a partir da perspectiva do agenciamento da atividade pelos profissionais do sexo, introduzindo elementos como a escolha pela profissão e a percepção desses agentes como seres reflexivos e racionais.

No texto, buscamos demonstrar ainda como a introdução da temática da sexualidade no estudo de gênero – principalmente a partir da emergência dos discursos sobre as identidades GLBT's –, possibilitou a transformação da ótica da prática da prostituição, uma vez que as práticas sexuais dos seres humanos passaram a ser vistas como pertencentes a uma dimensão importante de suas vidas, ligadas a ao bem-estar e saúde deles, muito mais do que ao adoecimento desses. Por isso, a relevância desses estudos na compreensão das redes e relações que constroem as esferas vinculadas ao campo da sexualidade e, desse modo, ilumina um campo fundamental da experiência humana: o do prazer e da intimidade.

Referências Bibliográficas

ARIENTE, MarisaA. O *Cotidiano da Prostituta em São Paulo: estigma e contradição*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, PUC-São Paulo, 1989.

BACELAR, Jeferson A. *A Família da Prostituta*. São Paulo: Ática, 1982.

BERNSTEIN, Elizabeth. "O significado da compra: desejo, demanda e comércio". In. *Cadernos Pagu,* n° 31: Campinas, 2008.

CORNWALL & JOLLY. Andrea e Susie. "Introdução: A sexualidade é importante". In. *Questões de Sexualidade: ensaios transculturais* / organizadoras, Andréa Cornwall e Susie Jolly. – Rio de Janeiro: ABIA, 2008, p.30.

FREITAS, Renan S. *Bordel, Bordéis: negociando identidades*. Petrópolis, Vozes, 1985.

FONSECA, Claudia. "A Dupla Carreira da Mulher Prostituta". In: *Revista Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, IFCS / UFRJ – PPCIS / UFRJ, vol. 4, nº 1, 1996.

_____. "A morte de um gigolô: fronteiras da transgressão e sexualidade nos dias atuais." In. *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras* / organizadores, Adriana Piscitelli, Maria Filomena Gregori e Sérgio Carrara. – Rio de Janeiro: Garamond, 2004. p. 257 – 281.

GASPAR, Maria Dulce. *Garotas de Programa: prostituição em Copacabana e identidade social*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1984.

HEILBORN, Maria Luiza. "Construção de si, gênero e sexualidade." In. *Sexualidade: o olhar das ciências sociais* / organizadora Maria Luiza Heilborn. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999. p. 40 – 58.

HEILBORN & BRANDÃO, Maria Luiza e Elaine Reis. "Introdução: Ciências Sociais e sexualidade." In. *Sexualidade: o olhar das ciências sociais* / organizadora Maria Luiza Heilborn. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999. p. 7 – 17.

LOYOLA, Maria Andréa. "A sexualidade como objeto de estudos das ciências humanas." In. *Sexualidade: o olhar das ciências sociais* / organizadora Maria Luiza Heilborn. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar: 1999. p. 31 – 39.

MAZZARIOL, Regina. *Mal necessário: ensaio sobre o confinamento da prostituição na cidade de Campinas.* Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, 1976.

MORAES, Aparecida F. *Mulheres da Vila: prostituição, identidade social e movimento associativo*. Petrópolis, Vozes, 1996.

PASINI, Elisiane. "*Corpos em Evidência", pontos em ruas, mundos em pontos: a prostituição na região da Rua Augusta em São Paulo.* Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

_____. *Homens da Vila: Um Estudo sobre Relações de Gênero num universo de Prostituição Feminina.* Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

PEREIRA, Amanda Gomes. "*Um bonde chamado afeto": descrevendo as conexões numa casa de prostituição feminina*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.

_____. Relações afetivas e laborais em uma casa de prostituição de mulheres. *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*. v. 12, n. 35, pp. 566-592, Agosto de 2013.

PISCITELLI, Adriana. "Prostituição e Trabalho." In. *Transformando as relações trabalho e cidadania: produção, reprodução e sexualidade* / organizadoras Maria Ednalva Bezerra de Lima, Ana Alice Alcântara Costa, Albertina Costa, Maria Bethânia Ávila e Vera Lúcia Soares. – São Paulo: CUT/ BR, 2007.

ROSALDO, Michelle & LAMPHERE, Louise. *A mulher, a cultura, a sociedade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979, p. 190

SILVA, Hélio R. S. *Travesti, a Invenção do Feminino*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, ISER, 1993.

SCOTT, Joan. "Gênero: uma categoria útil de análise histórica", In. *Educação e Realidade,* v. 20, jul./dez. 1995, Porto Alegre.